

“SONORIDADES COMO PATRIMÔNIO E CIDADANIA”

Roda de conversa



Sejam todos(as) bem-vindos(as) a esta segunda roda de conversa do Colóquio Patrimônios Histórico-Sonoros do Gualaxo do Norte. Ela tem como temática a dimensão patrimonial de distintas sonoridades – e silêncios – do entorno sociocultural e ambiental do Gualaxo do Norte, por serem referências de vida para os(as) agentes que as

produziram.

Com base em pesquisas acadêmicas e em relatos produzidos a partir do período setecentista, o projeto “Gualaxo Vivo” pôde identificar o impacto sonoro que a região provocou em colonos, reinóis, viajantes estrangeiros e, posteriormente, habitantes e transeuntes nos distritos administrativamente criados no período republicano. Como mencionado pela historiadora Júnia Furtado, são várias “as possibilidades de, a partir da linguagem escrita, reconstruir alguns dos sons, e mesmo os silêncios, que marcaram o viver cotidiano da população mineradora ao longo do século XVIII e os seus significados [...] pretende[u]-se explorar a cacofonia de sons ali existentes: o barulho das trombetas, dos sinos, dos tambores, das vozes e dos gritos, mas também dos sussurros, dos murmúrios, e os silêncios.”¹ Tais repercussões do sonoro, mesclando sentidos, afetos e atos a partir deles promovidos, mantiveram sua intensidade no tempo presente:

“No início de 2014, conheci uma pessoa que residia em Bento Rodrigues e, com alguns poucos encontros, decidimos viver juntos. Foi então que conheci o lugar que seria inesquecível para mim [...]. Ouvia sons de pássaros desconhecidos, os via nos galhos das árvores no quintal. [...] O coral da Igreja, Deco e Zezinho no violão, dona Irene animada no compasso do pandeiro, as vozes harmoniosas entoando cânticos espirituais [...]” (Cleynice Rezende de Sá, moradora de Bento Rodrigues).²

Em sequência, a destruição causada pela ruptura da Barragem de Fundão ficou também impressa na memória dos moradores mediante dramáticas expressões sonoras:

“Começou a barulhada, um barulho parecendo mata pegando fogo, batendo no portão das casas. Não tinha luz, estava muito escuro. A barulhada aumentava, e quando deu cinco e pouca da manhã [do dia 6 de novembro de 2015], quando clareou, fomos ver o que aconteceu.

¹ FURTADO, Júnia Ferreira. Os sons e os silêncios nas Minas de Ouro. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica: Europa, Américas e África*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/Fapemig; PPGH-UFMG, 2008. p. 20.

² SÁ, Cleynice Rezende de. Com apoio de Júlia Militão. As partilhas no Bento. *Jornal A Sirene*, Ed. 57, jan. 2021. p. 13.

Era tudo lama, tudo destruído, no lugar das casas, só lama, e um cheiro muito ruim.” (Maria, moradora de Barra Longa).³

Dessa maneira, a equipe do projeto “Gualaxo Vivo” vem publicamente endossar a proposição do ICOMOS Brasil acerca da relevância do reconhecimento patrimonial das expressões socioculturais do entorno do Gualaxo do Norte enquanto expressão de uma perda acarretada a toda sociedade brasileira em função da queda da Barragem do Fundão.⁴ Nosso projeto busca, de forma específica, ressaltar a dimensão sonora no âmbito desta importante reflexão sobre o patrimônio, assim como os silenciamentos (muitos dos quais irreversíveis e irreparáveis) trazidos à bacia do Rio Doce, hoje tão degradada.

Ressaltamos ainda que no decorrer da pandemia de Covid-19, muitos(as) atingidos(as) tiveram suas práticas de comunicação e diálogo bastante limitadas, ou seja, a dimensão sociocultural das sonoridades promovidas pelas comunidades afetadas ficou conseqüentemente ainda mais restrita.

“Este tem sido o caso de parte da população atingida de Mariana, principalmente das pessoas que vivem na zona rural do município. Há tempos, famílias atingidas das comunidades rurais alertam para essa realidade, nesse período de pandemia. [...] estas pessoas estão silenciadas diante da impossibilidade material de se comunicarem à distância.”⁵

Por isso, o projeto “Gualaxo Vivo” concebe o patrimônio no entorno socioambiental e político-cultural do Gualaxo do Norte como um memorial de luta desigual, diante de poderes estruturais do capital na modernidade, manifestada na região pelo impacto de uma extração minerária que atinge diretamente as paisagens culturais e as condições de vida da população.⁶ Reportando-nos, para tanto, à reflexão do pesquisador Leonardo Castriota, que conceitua “memorial” como “o processo (ativo) de lembrar um acontecimento a alguém, exortando-o a fazer (ou deixar de fazer) algo. Assim, [...] será uma forma especial de monumento que, por sua própria presença pública, deve manter viva uma lembrança – geralmente dolorosa – causando

³ APUD SILVA, Camilla Veras Pessoa da. *Lama, luto e luta: a vivência dos atingidos pelo desastre da Samarco e a organização popular no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) como estratégia de enfrentamento*. 2017. 195f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 109.

⁴ “Assim, se Bento Rodrigues, com seu traçado orgânico, casas coloniais, caráter rural e comunidade com fortes laços era apenas mais um povoado de caráter rural no meio das montanhas de Minas Gerais, com aquele evento do dia 5 de novembro de 2015 ele se transformou no símbolo do terrível desastre socioambiental representado pelo rompimento da Barragem e todas as conseqüências que ele trouxe para nosso país. [...] Bento Rodrigues passou a representar, associativamente, algo que transcende o próprio lugar”, cf. BARCI-CASTRIOTA, Leonardo. Apresentação. In: ICOMOS BRASIL. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. Belo Horizonte, maio 2019. p. xii. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.

⁵ BARROS, Ellen. Indenizações: sem acesso à comunicação não tem negociação, e agora? *Jornal A Sirene*, jul. 2020. p. 14.

⁶ SILVA, Marco Antônio S. da; MOREIRA, Joyce S; FARIA, André Luiz L. de; CIVALE, Leonardo. Uso de sensores remotos para identificar mudanças na paisagem provocadas por mineração nos municípios de Teixeira e Pedra do Anta (MG). *Revista de Ciências Humanas*, v. 21, n. 1, p. 241-266, jan.-jun. 2021. p. 242; 247: “Dentre as diversas formas de exploração dos recursos, a mineração é uma das que mais acarreta modificações na paisagem, seja a partir da construção de barragens para diferentes fins ou da retirada das coberturas vegetais e de grandes volumes de minerais. Essas atividades [...] podem afetar os lençóis freáticos e os cursos hídricos, gerando problemas socioambientais e socioeconômicos em diferentes escalas de análise e impactos. [...] Tais danos geram, sobretudo, a contaminação dos solos e das águas subterrâneas, a remoção de solo fértil, o desmatamento [...]”.

consternação e alertando o público para algo que não deve ser esquecido nem repetido”.⁷ Ressaltamos, contudo, que as sonoridades, quando remetidas ao plano da memória, reelaboram a própria concepção de monumento (ao menos como anteriormente entendida pelas instituições de preservação patrimonial e até mesmo pela ciência histórica),⁸ que reificava os sentidos e as expressões de uma determinada experiência histórica, enquadrando-a no tempo de sua produção e evitando que mudanças viessem a modificá-la. Já a monumentalidade do memorial, ao menos da forma como a compreendemos, encontra-se justamente em sua potência performativa de suscitar relações socioculturais diferenciadas, que incidam de maneiras distintas sobre as ordens de poder e os imaginários vigentes.⁹ Os memoriais, assim considerados, portam importantes implicações no plano ético-político, podendo consistir em vetores de uma cidadania efetiva e inclusiva.

Uma expressão emblemática, enquanto memorial sonoro, da subalternização da vida humana aos imperativos da rentabilidade minerária encontra-se na inexistência, no complexo da Barragem de Fundão, de qualquer sistema de alarme sonoro, destinado a alertar a população na região em caso de acidente ou agravamento dos riscos de ruptura da estrutura de contenção.¹⁰ Apenas em 7 de novembro de 2015, dois dias após a queda da Barragem, foram instalados alarmes sonoros; a Samarco também informou que dispôs carros com alarme sonoro para avisar os moradores da região em caso de emergência.¹¹ Mas nem todas as comunidades sediadas no entorno de Barragens contam com tal aparato, como o distrito de Antônio Pereira:

“Estamos cansados de pedir o simulado [à mineradora Vale], já enviamos ofícios cobrando. Nós não sabemos o som da sirene, as rotas de fuga não foram readequadas, e elas não são adequadas. As pessoas não sabem se houver um rompimento [da Barragem do Doutor] o som

⁷ O autor remete o termo memorial ao vocábulo alemão *Mahnmal*, cf. ICOMOS BRASIL. *Op. Cit.* p. 250-251.

⁸ Pode-se associar tal significação de monumento à formação de uma cultura histórica, no final do século XVIII, que procede à valorização, “popularização e a presentificação do passado em teatro, museus, monumentos, diferentes gêneros literários, práticas populares de colecionismo e outros meios, que estabeleceram um gosto pela história, necessário ao surgimento de uma história científica”, por sua vez associada ao fortalecimento dos Estados Nacionais, cf. ABREU, Marcelo dos Santos; CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. Cultura de história, história pública e ensino de história: investigação e formação de professores de história. *Revista História Hoje*, v. 8, n. 15, p. 111-134, 2019. p. 117. Tal entendimento igualmente subsidiou, no Brasil, a seleção de Ouro Preto e de Mariana como Monumentos Nacionais.

⁹ É interessante perceber que a noção de memorial em vertentes da produção teológica cristã refere-se justamente à atualização de um legado fundador, “articulando as leituras plurais da experiência passada (promotora de uma específica identidade religiosa, diferenciada das demais modalidades de relação com a divindade e com as pessoas) e as distintas expectativas de futuro (e as estratégias para sua viabilização). Logo, no memorial cristão, a repetição cede lugar à reformulação contínua, em que os acréscimos, reelaborações e omissões são elementos constituintes da densificação da crença e do rito”, cf. BUARQUE, Virgínia. A concepção de memorial na história religiosa. In: BELCHIOR, Luna Halabi; PEREIRA, Luisa Rauter; MATA, Sérgio Ricardo da (orgs.). SEMINÁRIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, 7. *Anais...* Ouro Preto: EdUFOP, 2013.p.1-2.

¹⁰ WANDERLEY, Luiz Jardim; MANSUR, Maira Sertã; MILANEZ, Bruno; PINTO, Raquel Giffoni. Desastre da Samarco/Vale/ BHP no Vale do Rio Doce: aspectos econômicos, políticos e socioambientais. *Revista Ciência e Cultura da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*, São Paulo, v. 68, n. 3, p. 30-35, jul-set. 2016.

¹¹ VARELA, Luis Gustavo. *Da Samarco ao Jornal Nacional: relações entre a comunicação organizacional e o telejornalismo no desastre em Mariana – MG.* 2018. 334f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. p. 55; 237.

da sirene, em Fundão não tinha sirene. Em Brumadinho, a sirene não tocou.” (Ana Carla de Carvalho Cota, moradora de Antônio Pereira).¹²

Em contrapartida, todo dia 10 de cada mês, às 10 horas, a sirene soa em Mariana e em Barra Longa, o que também acarreta consequências afetivo-culturais nos moradores,¹³ maiores ainda quando o tal som ecoa sem ser previsto.

“Eu escuto a sirene fora de hora, qualquer barulho penso que arreventou [a Barragem], não tenho sossego mais não” (Sandra, moradora de Barra Longa).¹⁴

Outros sons, provenientes do processo de reconstrução das áreas afetadas, também causam transtornos ao cotidiano dos habitantes.

“[...] os moradores de Barra Longa vivem em um verdadeiro campo de obras. Crianças, adolescentes e adultos dormem e acordam com poeira, e os barulhos das máquinas que não param de operar. [...] O ruído já era irritante desde o rompimento da Barragem. Todos os dias, ao acordar, escutava aquele pii-pii-piii das máquinas e dos caminhões que arrancavam o calçamento antigo soterrado pela lama para fazer um novo. Antes, o barulho só aparecia durante o dia e já era um tormento, mas conseguíamos ficar em paz à noite e descansar um pouco. No entanto, de setembro [de 2016] para cá, a Samarco dobrou o ritmo das obras, prolongando o piii por madrugada a dentro”. (Simone Silva, moradora de Barra Longa)¹⁵

E mesmo anteriormente à queda da Barragem, a magnitude das ações vinculadas à extração do minério provoca sérias intervenções nos territórios onde são implementadas, impactando negativamente o meio ambiente, inclusive no âmbito da poluição sonora, resultante do trânsito das máquinas e das detonações. O barulho é constante, com risco de causar danos à saúde dos moradores,¹⁶ a despeito da reverberação sonora estar enquadrada na legislação ambiental.

Trazemos, assim, a sugestão de que, na redação da carta aberta sugerida como atividade conclusiva deste Colóquio e do próprio projeto, possam ser realçadas sonoridades de práticas locais diferenciais a esses poderes estruturais, que estejam sendo exercidos pelas comunidades (ofícios autossustentáveis, redes de economia solidária etc.).

¹² ROSA, Cida; COSTA, Ana Carla de Carvalho. Com apoio de Joice Valverde, Júlia Militão, Juliana Carvalho e Widge Arcângelo. O terror psicológico se repete. *Jornal A Sirene*, Ed. 55, nov. 2020, p. 27.

¹³ “Em informações prestadas ao *Jornal A Sirene*, a mineradora Samarco notificou que a partir de janeiro de 2018, todo dia 10 de cada mês, às 10 horas, as sirenes instaladas entre os municípios de Mariana e Barra Longa serão acionadas, simultaneamente, com o objetivo de testar o funcionamento do sistema. Cada sirene emitirá uma mensagem de voz, informando que se trata de um teste, e logo em seguida transmitirá o som de alerta durante um minuto”, cf. *Jornal A Sirene*, Ed. 21, dez. 2017, p. 13.

¹⁴ *Apud* SILVA, Camilla Veras Pessoa da. *Lama, luto e luta*. *Op. Cit.* p. 151. Situação semelhante acomete os(as) moradores(as) da localidade de Brumadinho, onde a queda da Barragem de Feijão em janeiro de 2019 deixou 270 mortos e 10 desaparecidos (segundo registro oficial de agosto de 2021): “Hoje de manhã cedo, a gente escutou um barulho e pensou: ‘olha lá, a barragem tá arreventando’. Eu fui olhar. Isso assusta. Hoje em dia, eu durmo é pouco, durmo menos.” (Sebastião Felício Camelo, morador de Córrego do Feijão), cf. SALES, Cristiano *et al.* Com apoio de Joice Valverde *et al.* Dia 25 não vai passar. *Jornal A Sirene*, Ed. 46, fev. 2020. p. 13.

¹⁵ SILVA, Simone; PARANHOS, Carlos. Barulhos à noite. *Jornal A Sirene*, nov. 2016. p. 18; 20.

¹⁶ Entre esses males, podem ser citados: “perda parcial (e até mesmo total) da audição; problemas gastrointestinais e cardiovasculares decorrentes das sucessivas contrações musculares; problemas respiratórios e de secreções hormonais; [...] distúrbios no sistema nervoso é o que mais sofre com as agressões sonoras: o sistema nervoso simpático ao ser excitado enrijece os órgãos que ele governa, induzindo ao aumento da pressão arterial, por exemplo”, cf. CARVALHO, Rogério Paniago. *Acústica arquitetônica*. Brasília: Thesaurus, 2010. p. 42.

“A casa de Bilu, Dorinha e Epifânio, moradores de Guerra, subdistrito de Barra Longa, não foi atingida pela lama, mas o quintal onde eles criavam os animais, cultivavam as plantações e as árvores frutíferas foi levado pelo rompimento da Barragem de Fundão. Lá, o terreno é banhado pelas águas do rio Gualaxo, num ponto onde o som da cachoeira tem presença forte e constante, transmitindo uma beleza que, às vezes, nos faz esquecer, por um momento, que um rastro de destruição foi deixado ali pela Samarco. Agora, este espaço está sendo reerguido por eles mesmos.”¹⁷

Também propomos que as sonoridades e silenciamentos do entorno sociocultural e ambiental do Gualaxo do Norte possam ser sugeridos às comunidades atingidas como um elemento a integrar o Museu do Território de Bento Rodrigues, instância a ser criada de forma subsequente ao tombamento.¹⁸

¹⁷ COSTA, Air Martins (Bilu); MACEDO, João Epifânio; COSTA, Maria Macedo (Dorinha); PAPAGAIO, Sérgio; SILVA, Simone. Com apoio de FILGUEIRAS, Silmara. Para uma indenização justa, um processo justo. *Jornal A Sirene*, Ed. 24, mar. 2018, p. 8.

¹⁸ Como indicado no relatório do ICOMOS BRASIL. *Op. Cit.*, p. xxii, a estratégia de constituição de um Museu do Território no antigo subdistrito de Bento Rodrigues “possibilitaria que aquele ‘sítio de memória sensível’ se transformasse num ‘sítio de consciência’, que confrontasse ativamente o que ali se passou, ajudando a se superar o trauma e estimulando simultaneamente uma reflexão ativa sobre as questões suscitadas pelo evento”.